

O SR. JAIR BOLSONARO (PPB-RJ. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados há alguns anos vivemos no Brasil o governo de exceção, depois passamos para o governo de transição e, agora, para o governo da "entregação". Digo isto porque, nesta semana, o General norte-americano Patrick Hughes, chefe do órgão Central de Informação das Forças Armadas Americana, numa palestra para uma platéia de professores do Instituto de Tecnologia de Massachusetts — vale lembrar que o professor naquele país é valorizado, ao contrário do que ocorre no nosso, pois é uma classe relegada a terceiro plano — pregou a intervenção norte-americana na Amazônia, sob o pretexto de preservar o meio ambiente. Vale lembrar que com o início do Projeto Calha Norte, nascido em 1985, no Governo Sarney, começaram a ser instalados alguns pelotões na fronteira da Amazônia com o objetivo de servir de pólo de colonização, que, em última análise, iria consolidar a nossa faixa de fronteira com os países ao norte da América do Sul. O americano, vendo isso, estimulou a indústria da demarcação de terras indígenas. Desta forma, onde havia pelotão de fronteira, superposto a este, foram demarcadas terras indígenas. A terra indígena mais conhecida é a ianomami, uma área equivalente a duas vezes o Estado do Rio de Janeiro, com aproximadamente 8 mil índios existentes lá dentro — apenas 8 mil índios. Mas, então, essa indústria acabou inviabilizando esse projeto. Até vale uma observação neste momento: realmente, a Cavalaria brasileira foi muito incompetente. Competente, sim, foi a Cavalaria norte-americana, que dizimou seus índios no passado e hoje em dia não tem esse problema em seu país — se bem que não prego que façam a mesma coisa com o índio brasileiro; recomendo apenas o que foi idealizado há alguns anos, que seria demarcar reservas indígenas em tamanho compatível com a população. Agora, Sr. Presidente, o general norte-americano preconiza a interferência militar na Amazônia, tendo como pretexto a preservação do meio ambiente. Particularmente, colocando-se no lugar deles, eles estão muito certos. Afinal de contas, Bismark disse há algum tempo: "As riquezas naturais nas mãos de quem não sabe ou não as quer esperar constitui permanente perigo para quem as possui." E aqui no Brasil a nossa Amazônia está relegada a terceiro plano também, como os professores. A nossa Constituição é muito clara quando se

refere às reservas indígenas. No seu art. 48, ela dispõe que: "Cabe ao Congresso Nacional, com sanção do Presidente da República, (...) dispor sobre todas as matérias de competência da União". E o art. 67 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias assevera: "A União concluirá a demarcação das terras indígenas no prazo de cinco anos a partir da promulgação da Constituição." Então, quem deveria ter demarcado aquelas terras era a União, ou seja, nós, votando nesta Casa um projeto nesse sentido, e o Governo Federal sancionando-o, mas isso não aconteceu. Sr. Presidente, até mesmo apresentei projeto de decreto legislativo para tornar sem efeito a reserva ianomami há alguns anos, e a urgência foi votada dia 30 de agosto. Essa urgência foi votada no dia 30 de agosto de 1995. Para minha surpresa, até mesmo os Deputados da bancada amazônica votaram em peso contra esse projeto de decreto legislativo. Fomos derrotados pelo placar de 290 contra 125 votos. Antecedeu essa votação a vinda do Ministro da Justiça Nelson Jobim, que agora é o Líder do Governo no Supremo Tribunal Federal, ou seja, começa a se institucionalizar a politicalha no Supremo Tribunal Federal com a permanência desse Ministro lá. S.Exa pregou, na oportunidade, que eu estava completamente equivocado com relação a esse episódio. Para concluir, o que a Amazônia tem de importante, Sr. Presidente? As riquezas minerais já inexistentes nos Estados Unidos e nas grandes potências. Esses países precisam desses minerais para sua sobrevivência. Também a biodiversidade dispensa qualquer comentário sobre sua importância. A abundância de fontes de águas potáveis, inexistente já na maioria dos países do Primeiro Mundo, segundo dizem, poderá ser uma das causas da terceira guerra mundial. Uma das maiores reservas de gás do mundo poderá ser a energia de transição quando terminar o ciclo do petróleo. Finalmente, grandes espaços vazios poderão, no final da missão da conquista da Amazônia, servir para alocar a população excedente existente no Primeiro Mundo. O Congresso Nacional tem de parar de pensar pequeno e pensar no Brasil. A Região Norte é a solução para o País. Não podemos ficar esperando projetos do Executivo para barganhar o prestígio ou até mesmo dinheiro. Devemos pensar no Brasil, o que lamentavelmente esta Casa não tem feito.